

HISTÓRIA ORAL: ALTERNATIVA METODOLÓGICA PARA O RESGATE DA MEMÓRIA DE LEITURAS COTIDIANAS DA PROFESSORA-ALFABETIZADORA

Ana Lúcia Guedes Pinto*

Resumo: Este artigo analisa como a metodologia da História Oral (junto à etnografia) possibilita uma alternativa de pesquisa para trabalhar com o resgate das memórias das leituras cotidianas das professoras-alfabetizadoras. Através das narrativas das professoras sobre suas histórias de leitura é possível identificar como o próprio processo da entrevista já se constitui um trabalho de reflexão e de re-elaboração de suas identidades, tanto pessoal, como social e profissional.

Palavras-chave: História Oral, história e leitura, memória e leitura

Para se adentrar à discussão sobre os entraves, dificuldades e desafios da profissão da educação, é importante ter clareza de que os problemas existentes na profissão e a situação atual em que ela se encontra possuem uma história, que não deve ser negligenciada. Não é novidade o fato de que a carreira docente vem sofrendo um constante processo de desvalorização. O magistério, enquanto trabalho, tem apresentado na sua história uma remuneração baixa e pouco rendosa em relação às demais profissões que demandam trabalho intelectual. Lajolo e Zilberman (1996) retratam, com minúcias, em quais condições o sistema de ensino e a carreira do magistério foram instituídas no Brasil desde sua colonização até o início deste século.

Estudo recente de Demartini e Antunes (1993) revela, inclusive, que um dos fatores que levou o magistério primário a se firmar como uma profissão eminentemente feminina foi o fato da remuneração não ser satisfatória para que os homens dela conseguissem oferecer condições de sobrevivência dignas para suas famílias.

Dessa maneira, fica evidente que a desvalorização da carreira docente possui uma história específica e que esta relaciona-se fortemente com o fato da marca do gênero desta profissão ser feminino.

Atualmente, tomando como referência a mídia em geral, é possível perceber, sem muito esforço, que a professora ¹ está vivendo um processo de perda da

* Professora da Faculdade de Educação (FE) da Unicamp, pesquisadora do Centro de Memória-Unicamp e membro dos grupos de pesquisa GEPEC e ALLE da FE.

1 Esta profissional será identificada com a marca de gênero feminino tendo em vista que a maioria dos que ocupam o cargo no Magistério são deste sexo. Algumas pesquisas sobre educação já se utilizam desta marca de gênero ao

sua autonomia de trabalho, seja porque não tem sido solicitada para definir o currículo escolar, seja porque o marketing das editoras acaba impondo os livros didáticos. Como pertence a uma categoria que está menos mobilizada e cada vez mais identificada ao proletariado, esta tem imprimido também um caráter de provisoriedade e conseqüente menor envolvimento no exercício de seu cargo (Linhares, 1995). Depara-se com uma profissional que está sofrendo perdas diversas: salários menores, formação decadente, condições “insalubres” de trabalho, menor poder aquisitivo, menor autoridade sobre seus alunos.

Com relação à questão da remuneração salarial, Paiva et al. (1997) realizaram um estudo sobre a situação financeira das professoras no estado do Rio de Janeiro e chegaram a porcentagens realmente alarmantes quanto à redução salarial que atingiu a categoria do magistério nos últimos vinte anos.

Neste contexto, a identidade e auto-estima dessas profissionais parecem estar bastante abaladas, conforme Silva (1995) verifica em seus estudos. Assim, por estarem vivendo num período histórico em que sua imagem enquanto profissional e a valorização do trabalho que realizam não tem sido “bem vistos” pela sociedade, pode-se concluir que as professoras, principalmente as que trabalham nas séries iniciais, como as professoras-alfabetizadoras, podem estar correndo o risco, enquanto categoria profissional, de serem verdadeiramente esquecidas da importância do trabalho que desenvolvem nas escolas.

Com o objetivo de estudar as práticas de leituras cotidianas das professoras-alfabetizadoras², esta problemática, enquanto objeto de pesquisa, foi inserida num movimento maior de denúncia social e de comprometimento com os anseios das camadas marginalizadas da sociedade (nas quais a professora-alfabetizadora pode ser identificada em função de sua realidade atual caracterizada anteriormente), elegendo-se, desse modo, realizar um trabalho que tivesse como linha metodológica a História Oral (Meihsy, 1996a, 1996b; Ferreira e Amado, 1996; Simson, 1997) e também tomando como base os princípios da etnografia, tais como o uso constante do “diário de campo” e da observação participante durante todos os contatos realizados e procurando seguir os procedimentos mais adequados para a transcrição das entrevistas (Simson, 1998; Queiroz, 1991).

A História Oral preocupa-se, fundamentalmente, em criar diversas possibilidades de manifestação para aqueles que são excluídos da história oficial³ de nossa sociedade e que não possuem formas suficientemente “fortes” para o enfrentamento das injustiças praticadas por ela. Este compromisso da História Oral com aqueles que são silenciados é tomado como ponto nodal para praticamente todas as

se referirem ao corpo docente e discente dos cursos de educação – ver Leite e Souza, 1995. Além disso, existem diversas linhas de estudo que abordam as especificidades de gênero no trabalho, vide o grupo de pesquisa PAGU, do IFCH da Unicamp que possui variadas frentes de estudo sobre gênero. Junto a isso, segundo pesquisa publicada pela *Folha de S. Paulo* em 5 mai. 1996, 90,7% dos professores em exercício no país são constituídos por mulheres.

2 A população-alvo da pesquisa refere-se às professoras da rede pública de ensino de Campinas, SP.

3 Considerando-se também, além da história “tradicional”, a história contemporânea, do tempo presente.

posturas e ações do pesquisador para com os sujeitos pesquisados (Portelli, 1997). É uma das categorias cruciais de trabalho do oralista para construir a história do tempo presente refere-se à memória.

Conforme mencionado anteriormente, as memórias das professoras-alfabetizadoras podem estar sendo silenciadas, isto é, em função de estarem cada vez mais desvalorizadas e não serem reconhecidas pela sociedade quanto ao valor social de seu trabalho, suas lembranças pessoais e profissionais podem estar sendo menosprezadas correndo-se o risco de serem apagadas pouco a pouco. Assim, este estudo busca dar lugar à expressão de suas memórias subterrâneas (Pollak, 1989) principalmente quanto às práticas de leitura, procurando verificar se, estas professoras, apontadas muitas vezes como não-leitoras, são capazes de desenvolver estratégias para não só ler, como também incorporar o resultado das leituras ao seu exercício profissional. Neste aspecto, tem-se como pressuposto a crença de que, quando se trabalha com processos de rememoração e se propõe à pessoa pesquisada vivenciar a experiência de retorno ao passado, ela o fará através das percepções e influências que as experiências mais recentes lhe proporcionaram, possibilitando para ela a construção da compreensão dos próprios processos de constituição de sua história de vida ou até mesmo das identidades pessoal e profissional (Bosi, 1995; Montenegro, 1997).

Kenski (1996) acredita que trabalhar com a memória das professoras pode ser uma forma de estar propiciando a elas possibilidades de re-elaboração e de compreensão de suas práticas pedagógicas: “A análise e discussão das marcas do passado podem levar à compreensão da repercussão, na vida profissional, de diferentes situações vividas: crises, mudanças, rupturas, sucessos e fracassos. Esse conhecimento possibilita ao professor tomar medidas no sentido de superar determinados problemas, reformular concepções pessoais sobre sua maneira de ensinar, seu relacionamento com a disciplina, as formas que utiliza para avaliar seus alunos etc., além de *resgatar a imagem pessoal do bom professor*, construída a partir dos contatos efetuados durante toda sua trajetória escolar” (grifos nossos, p. 106-107).

É nesse sentido de recuperar a imagem da “boa professora” e da “professora-leitora” que este estudo tem caminhado. Algumas narrativas das professoras-alfabetizadoras têm demonstrado esse viés importante que a História Oral desvela, através do trabalho com a memória, ao proporcionar ao entrevistado a sua fala sobre a sua história de vida e de suas práticas. Observando as narrativas sobre suas histórias pessoais de leitura, é possível verificar esse processo de re-elaboração sobre sua profissão e trabalho, que acaba ocorrendo durante o processo mesmo de cada encontro.

Na fala da professora E.⁴ nota-se o movimento de reflexão que faz sobre suas práticas de leitura a partir da situação da entrevista. Inicialmente ao ser per-

4 Em função de um acordo com as professoras pesquisadas sobre a manutenção do sigilo de seus nomes, serão utilizadas somente suas iniciais.

guntada sobre o que lia normalmente, ela dizia que não lia muito, ou que fazia leituras apenas relacionadas ao seu trabalho de dar aulas, afirmando que esse é o tipo de leitura que realmente gostava de fazer e é o que procurava consumir em termos de leituras. Depois de algum tempo, conversando um pouco mais sobre sua rotina, ao relatar um dia típico do seu cotidiano, foi se dando conta das inúmeras outras leituras que realizava e que, inclusive, não qualificava como tais. Nesta fala também percebe-se a consciência que possui sobre a imagem negativa que se tem da professora quando esclarece (sem ser perguntada) sobre o que geralmente lê no jornal ⁵:

“Bom, tem o jornal, né, que a gente dá uma olhada, vê as notícias que interessam. Todo dia de manhã aqui na escola, por que aqui tem [a escola assina jornal]. De manhã, eu sempre chego mais cedo, eu chego 40 minutos antes, então o jornal já tá aí. Eu já olho, já leio as notícias que me interessam, né? Eu vejo todo dia, eu leio todo dia. Não é só horóscopo, cinema, não. (...) Tem a minha aula que eu preparo, e em casa que num..., eu leio muito assim, eu leio muito livro de poesias, essas coisinhas assim que eu não vejo como coisas que me acrescentam muito, só aquilo que é por prazer, né. Eu gosto muito e leio, leio a bíblia, né, tem a bíblia”. ⁶

No caso da professora M., ao narrar seu cotidiano, volta-se muito ao trabalho de teatro que desenvolve na escola. Ela é aluna de curso de teatro desde 1993 e esta atividade tem um peso muito importante em sua vida. Nota-se, em sua fala, um movimento de ampliar o conceito de leitura, a partir das perguntas feitas pela pesquisadora, quando relata o trabalho de teatro que realiza com os alunos. Provocada a pensar nas contribuições possíveis do teatro para as suas práticas com leitura e vice-versa, comenta:

“E a criança melhora muito também no teatro, né, na hora dele ler em sala de aula. Porque a gente trabalha muito a projeção, né, a articulação da voz, da fala em si (...) Então eu percebi que as crianças que participaram [do teatro], dos que participam em sala de aula, (...) que dramatizar a leitura em sala de aula é uma coisa interessante. Por que ele tá lendo, na hora de dramatizar uma leitura já é diferente. Então eles tão ali, tá casando uma coisa com outra [a atividade do teatro com a leitura em sala de aula]. Eu acho que a escola deveria abrir [espaço para o teatro]. [mais adiante, referindo-se à apresentação de uma aluna] Então, eu falei [para a diretora e as outras professoras sobre o desempenho de uma determinada aluna no teatro], ela trabalhou mais com a expressão, com o gesto, no olhar. Por que não é só a expressão do rosto, olho, só o trabalho com o olho já é uma fala, a boca é outra fala. Então toda a parte corporal tem mais que uma expressão que a gente tem que começar a prestar atenção. Por que às vezes tem uma pessoa ali no palco parada e só um outro falando e você não dá importância, *mas ela tem um texto, então ela fez uma leitura,*

5 Foram cortadas algumas interrupções de esclarecimento feitas pela pesquisadora a fim de preservar a narrativa inteira da professora.

6 Entrevista realizada em 24-09-1998.

*um trabalho (...) um objeto, ele tem que ser lido no palco, num espetáculo, porque ele faz parte do cenário”.*⁷

Observando-se, então, as narrativas das professoras, percebe-se como o processo de entrevista constitui-se em um trabalho que ganha vida e se transforma durante o próprio transcorrer da mesma, proporcionando a partilha e reflexão do vivido, onde os participantes (pesquisadora-pesquisada) têm a possibilidade de construir um novo olhar sobre o presente e o passado de suas trajetórias.

Com relação às práticas cotidianas de leitura, foi possível constatar como as professoras puderam se perceber enquanto leitoras e re-qualificar alguns tipos de leitura que anteriormente eram desconsiderados por elas. Portanto, além de terem a oportunidade de refletirem sobre si mesmas, enquanto sujeitos sociais, puderam vivenciar a experiência de, em alguns casos, descobrirem-se leitoras.

Dessa forma, a oportunidade de, em parceria com a pesquisadora, a professora-alfabetizadora realizar essa rememoração de sua trajetória enquanto leitora pode funcionar, e muitas vezes funciona (quando a relação pesquisadora-pesquisada se dá com qualidade), como um exercício frutífero de construção de sua identidade tanto pessoal, como social e profissional.

Levando-se em conta, desse modo, a importância do trabalho com a memória no processo dos relatos de vida das professoras e da relação construída entre pesquisadora-pesquisada, segundo a metodologia da História Oral, este estudo buscou como propósito, além de uma compreensão mais profunda sobre a historicidade e cotidianidade das práticas de leitura das professoras, oferecer uma contribuição para a re-construção da identidade e da imagem pública das professoras-alfabetizadoras de nosso país.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 3. ed. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.
- DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri; ANTUNES, Fátima Ferreira. “Magistério primário: profissão feminina, carreira masculina”. *Cadernos de Pesquisa*, (86), 1993.
- FOLHA DE S. PAULO. Primeiro Caderno, São Paulo, 5 mai. 1996.
- KENSKI, Vani M. “Memória e prática docente”. In: *As faces da memória*. Campinas, CMU/UNICAMP, 1996. (Coleção Seminários; 2).
- LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *A formação da leitura no Brasil*. São Paulo, Ática, 1996.
- LEITE, S. A. S.; SOUZA, C. B. “A alfabetização nos cursos de habilitação para o magistério”. *Cadernos de Pesquisa*, (94), 1995.
- LINHARES, Célia F. S. “Política do conhecimento e conhecimento na política da escola: perspectivas para a formação de professores”. *Educação e Sociedade*, (50), 1995.
- MEIHY, José Carlos S. B. (org). *(Re)introduzindo História Oral no Brasil*. São Paulo, USP, 1996a.

7 Entrevista realizada em 20-11-1998.

- MEIHY, José. Carlos. S. B. *Manual de História Oral*. São Paulo, Loyola, 1996b.
- MONTENEGRO, Antônio T. "A invenção do olhar". In: SIMSON, Olga R. M. von (org). *Os desafios contemporâneos da História Oral*. Campinas, CMU/Unicamp, 1997.
- PAIVA, Vanilda et al. "Prioridade ao ensino básico e pauperização docente". *Cadernos de Pesquisa*, (100), 1997.
- PORTELLI, Alessandro. "Tentando aprender um pouquinho, algumas reflexões sobre a ética na história oral". *Projeto História*, (15), 1997.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira. *Variações sobre técnica de gravador no registro da informação viva*. São Paulo, T. A. Queiroz, 1991.
- SILVA, Ezequiel T. da. *Professor de 1º Grau: identidade em jogo*. Campinas, Papirus, 1995.
- SIMSON, Olga R. M. von (org). *Os desafios contemporâneos da História Oral*. Campinas, Centro de Memória, 1997.
- _____. "Memória e identidade sócio-cultural". *International Oral History Conference, 11*. Proceedings vol. 3. Rio de Janeiro, Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil/Fundação Getúlio Vargas/FIOCRUZ, Casa de Oswaldo Cruz, 1998.

Abstract: This article analyses how the methodology of Oral History (next to ethnography) help the research that works with the readings' memories of the elementary school teachers. Through their narratives it's possible to identify the interview's process like a real work of reflection and re-elaboration of their identities, both of them, personal, social and professional.

Keywords: Oral History; history and reading; memory and reading